

**ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS  
ACADEMIA REAL MILITAR (1811)  
CURSO DE CIÊNCIAS MILITARES**

**Fabrice Ambroise Talang Sama**

**ATIVIDADES EXERCIDAS PELO EXÉRCITO CAMARONES EM RESPOSTA AS  
AÇÕES TERRORISTAS DO BOKO HARAM**

**Resende**

**2023**

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE DIREITOS AUTORAIS DE NATUREZA  
PROFISSIONAL**

**TÍTULO DO TRABALHO: ATIVIDADES EXERCIDAS PELO EXÉRCITO CAMARONES EM RESPOSTA  
A SAÇÕES TERRORISTAS DO BOKO HARAM**

**AUTOR: FABRICE AMBROISE TALANG SAMA**

Este trabalho, nos termos da legislação que resguarda os direitos autorais, é considerado de minha propriedade.

Autorizo a Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) a utilizar meu trabalho para uso específico no aperfeiçoamento e evolução da Força Terrestre, bem como a divulgá-lo por publicação em periódico da Instituição ou outro veículo de comunicação do Exército.

A AMAN poderá fornecer cópia do trabalho mediante ressarcimento das despesas de postagem e reprodução. Caso seja de natureza sigilosa, a cópia somente será fornecida se o pedido for encaminhado por meio de uma organização militar, fazendo-se a necessária anotação do destino no Livro de Registro existente na Biblioteca.

É permitida a transcrição parcial de trechos do trabalho para comentários e citações desde que sejam transcritos os dados bibliográficos dos mesmos, de acordo com a legislação sobre direitos autorais.

A divulgação do trabalho, em outros meios não pertencentes ao Exército, somente pode ser feita com a autorização do autor ou do Diretor de Ensino da AMAN.

Resende, 14 de Agosto de 2023



**Cad FABRICE AMROISE TALANG SAMA**

Dados internacionais de catalogação na fonte

S187a SAMA, Fabrice Ambroise Talang

Atividades exercidas pelo Exército Camaronês em resposta as ações terroristas do Boko Haram / Fabrice Ambroise Talang Sama – Resende; 2023. 31 p. : il. color. ; 30 cm.

Orientador: Heitor Fredman Ramos Frutuoso  
Guimarães

TCC (Graduação em Ciências Militares) - Academia Militar das  
Aguas Negras, Resende, 2023.

1. Boko Haram 2. Exército Camaronês 3. Ações terroristas 4.  
Resposta. I. Título.

CDD: 355

**Fabrice Ambroise Talang Sama**

**ATIVIDADES EXERCIDAS PELO EXÉRCITO CAMARONES EM RESPOSTA AS  
AÇÕES TERRORISTAS DO BOKO HARAM**

Monografia apresentada ao  
Curso de Graduação em Ciências  
Militares, da Academia Militar  
das Agulhas Negras (AMAN,  
RJ), como requisito parcial para  
obtenção do título de **Bacharel  
em Ciências Militares.**

Orientador: Heitor Fredman Ramos Frutuoso Guimarães.

**Resende**

**2023**


Fabrice Ambroise Talang Sama

**ATIVIDADES EXERCIDAS PELO EXÉRCITO CAMARONES EM RESPOSTA AS  
AÇÕES TERRORISTAS DO BOKO HARAM**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares**.

Aprovado em 14 de agosto de 2023.

Banca examinadora:

  
\_\_\_\_\_  
**Heitor Fredman Ramos Frutuoso Guimarães - TC**  
(Presidente/Orientador)

  
\_\_\_\_\_  
**Nayane Conceição de Souza - 2º Ten**

  
\_\_\_\_\_  
**Manoel de Souza Lamim - 1º Ten**

Resende  
2023

## **AGRADECIMENTOS**

Primieramente agradeço a Deus para tudo que fez na minha vida e para me dar a força para chegar nesse nível da formação. Agradeço também meus companheiros de turma que me ajudaram muito no meu trabalho e pelo apoio contínuo. Agradeço minha família que mesmo de longe me deram tudo o apoio que precisava e finalmente agradeço meu orientador pelo apoio.

## RESUMO

### ATIVIDADES EXERCIDAS PELO EXÉRCITO CAMARONES EM RESPOSTA AS AÇÕES TERRORISTAS DO BOKO HARAM

AUTOR: Fabrice Ambroise Talang Sama

ORIENTADOR: Heitor Fredman Ramos Frutuoso Guimarães

A situação de segurança em Camarões se deteriorou desde o surgimento sangrento do Boko Haram em 2014. Isso foi um choque terrível em um país que até então se via como um estado estável em uma sub-região instável. O Extremo Norte, uma das dez regiões administrativas de Camarões é o teatro desse conflito de escala sub-regional. Diante da importância do tema para o meio militar optou-se pelo tema, o qual tem por objetivo geral demonstrar o perigo que o Boko Haram representa para a população camaronesa e como as forças armadas camaronesas lidam com essa ameaça. Para tanto utilizou-se a pesquisa bibliográfica, onde ao final concluiu-se que a longo prazo, o Extremo Norte corre o risco de ficar atolado em um conflito de baixa intensidade, alimentado por alianças de conveniência entre jihadistas, traficantes e outros oportunistas em um Sahel que é vítima de múltiplos conflitos. Isso reduziria as chances de um desenvolvimento substancial na região e aumentaria sua vulnerabilidade. Também forçaria o governo a manter um dispendioso destacamento militar por um longo período, o que comprometeria as perspectivas de crescimento e desenvolvimento do país, enfraquecendo-o ainda mais.

**Palavras-chave:** Boko Haram. Exército camaronês. Resposta. Ações terroristas.

## RÉSUMÉ

### ACTIVITÉS MENÉES PAR L'ARMÉE DU CAMEROUN EN RÉPONSE AUX ACTIONS TERRORISTES DE BOKO HARAM

AUTEUR : Fabrice Ambroise Talang Sama

CONSEILLER: Heitor Fredman Ramos Frutuoso Guimarães

La situation sécuritaire au Cameroun s'est détériorée depuis la montée sanglante de Boko Haram en 2014. Cela a été un choc terrible dans un pays qui se considérait jusqu'alors comme un État stable dans une sous-région instable. L'Extrême-Nord, l'une des dix régions administratives du Cameroun, est le théâtre de ce conflit sous-régional. Au vu de l'importance du thème pour l'environnement militaire, le thème a été choisi, qui a pour objectif général de démontrer le danger que Boko Haram fait peser sur la population camerounaise et comment les forces armées camerounaises font face à cette menace. À cette fin, une recherche bibliographique a été utilisée, d'où il a finalement été conclu qu'à long terme, l'Extrême-Nord risque de s'enliser dans un conflit de faible intensité, alimenté par des alliances de complaisance entre djihadistes, trafiquants de drogue et autres opportunistes dans un Sahel victime de multiples conflits. Cela réduirait les chances d'un développement substantiel dans la région et augmenterait sa vulnérabilité. Cela obligerait également le gouvernement à maintenir un déploiement militaire coûteux pendant une longue période, ce qui compromettrait les perspectives de croissance et de développement du pays, le fragilisant davantage.

**Mots clés:** Boko Haram. armée camerounaise. Réponse. Actions terroristes.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Boko Haram.....	15
Figura 2 – Mapa Boko Haram.....	19

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
1.1 OBJETIVOS.....	11
<b>1.1.1 Objetivo geral.....</b>	<b>11</b>
<b>1.1.2 Objetivos específicos.....</b>	<b>11</b>
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>12</b>
2.1 ORIGEM E ATIVIDADES DE BOKO HARAM .....	12
2.2 ÁREA DE INFLUÊNCIA TERRORISTA E AÇÕES DO EXÉRCITO CAMERONES CONTRA A AMEAÇA.....	13
2.3 SITUAÇÃO ATUAL DO CONFLITO .....	14
<b>3 REFERENCIAL METODOLÓGICO .....</b>	<b>15</b>
3.1 TIPOS DE PESQUISA.....	15
3.2 MÉTODOS.....	15
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>	<b>16</b>
4.1 2004-2013: OS PRIMEIROS TRAÇOS EVOLUEM PARA UMA PRESENÇA ESTABELECIDADA .....	21
4.2 2014-2016: CONFLITO ABERTO.....	23
4.3 RESPONDENDO AO BOKO HARAM.....	25
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>29</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>30</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Boko Haram, grupo sunita para pregação e jihad, é um movimento insurrecional e terrorista de ideologia jihadista salafista. Formado em 2002 em Maiduguri (norte da Nigéria) pelo pregador Mohamed Yusuf, o grupo é originalmente um seita que defende um Islã radical e rigoroso, hostil a qualquer influência ocidental. Em 2009, o Boko Haram lançou uma insurreição armada na qual Mohamed Yusuf foi morto. Em 2010, Abubakar Shekau assumiu a liderança do movimento, que se tornou um grupo armado e abordou as teses jihadistas da Al-Qaeda, então Estado Islâmico.

Em 7 de março de 2015, o Boko Haram prometeu lealdade ao Estado Islâmico, que este reconheceu oficialmente cinco dias depois. O grupo então leva o nome de Estado Islâmico na África Ocidental ou Província da África Ocidental do Estado Islâmico. Mas em agosto de 2016, ele se dividiu em dois: Abubakar Shekau foi demitido pelo Estado Islâmico por "extremismo" e foi substituído por AbuMosab al-Barnaoui. Opondo-se a esta decisão, Shekau assumiu a liderança de uma facção que retomou seu antigo nome de "Grupo Sunita de Pregação e Jihad", mantendo sua fidelidade ao Estado Islâmico. No entanto, a luta acabou entre as duas facções e Shekau foi morto pelos homens de Barnaoui em 2021.

O movimento está na origem de numerosos massacres, ataques e sequestros contra populações civis de todas as religiões, em Camarões, mas também na Nigéria, Níger e Chade. É responsável por crimes de guerra, crimes contra a humanidade e é classificado como organização terrorista pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas em 22 de maio de 2014. A ideologia do movimento evoluiu significativamente desde sua criação em 2002 por Mohamed Yusuf em Maiduguri, mas seu objetivo continua sendo a aplicação da lei Sharia na Nigéria.

Justifica-se o tema tendo em vista a relevância do mesmo para o povo camaronês, bem como para o meio militar, tanto do Brasil quanto de Camarões. Assim sendo questiona-se: como as forças armadas camaronesas lidam com a ameaça do boko haram tendo em vista a ameaça que o mesmo representa para a população camaronesa?

O trabalho encontra-se estruturado da seguinte forma: Introdução com os objetivos geral e específico; Referencial Teórico com os tópicos: Área de influência terrorista e ações do exército Camaronês contra a ameaça; Situação atual do conflito. Referencial metodológico. Resultados e discussão. Considerações finais. Referências.

## 1.1 OBJETIVOS

### 1.1.1 Objetivo geral

Demonstrar o perigo que o boko haram representa para a população camaronesa e como as forças armadas camaronesas lidam com essa ameaça.

### 1.1.2 Objetivos específicos

Entender a origem do grupo;

Descrever as ações do grupo terrorista Boko Haram em Camarões e nos países vizinhos;

Verificar as atividades realizadas pelo exército camaronês para reprimir essas ameaças e proteger e resgatar a população civil.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 ORIGEM E ATIVIDADES DE BOKO HARAM

As perspectivas conceituais de questionar e construir o Boko Haram como os objetos de análise são múltiplos; a compreensão inicial da expressão despertou uma polêmica, pois pesquisadores têm questionado a lógica de atuação desta seita islamista. Literalmente, o nome Hausa Boko-Haram pode ser traduzido como “A educação ocidental é um pecado”. A palavra Boko, polissêmica em si mesma, designa por extensão a escola secular ou Livro e o termo Haram significa proibido ou “ilegal” em Hausa, em outras palavras, a expressão Boko Haram significa “escolaridade ocidental é pecado”.

É certo para notar que os adeptos desta seita não se reconhecem neste termo e assinam seus comunicados de imprensa de "Jama'atu Ahlis Sunna Lidda'Awati Wal-Jihad", que significa Grupo Sunita para o pregação e jihad. Em todo caso, esta seita que era originalmente um pequeno grupo reunidos em uma mesquita e que era formado por estudantes que romperam com o sistema acadêmico está na origem de muitos ataques na Nigéria e Camarões.

Figura 1 – Boko Haram



Fonte: CARTA CAPITAL (2020)

Essa perspectiva reflexiva está ligada às questões políticas, econômicas e sociais internas muito sensíveis desta seita Islamista (ISSA, 2014). Este estudo questiona, por sua vez, o entrelaçamento de múltiplos atores nos registros diferentes e os instrumentos dessa dinâmica multinível e assimétrica.

Na encruzilhada de diferentes influências islâmicas, o grupo Boko Haram, que ao longo dos anos se tornou parte de uma insurgência e perspectiva terrorista, foi estabelecido em 2002 por Mohamed Yusuf em Maiduguri. Em 2009, este último morre e Abubakar Shekau o sucede. A conclusão geral que surge é a dinâmica evolutiva da ideologia do movimento desde sua criação em 2002, porém, sem propósito (KADJE, 2016).

## 2.2 ÁREA DE INFLUÊNCIA TERRORISTA E AÇÕES DO EXÉRCITO CAMERONES CONTRA A AMEAÇA

A região do Extremo Norte de Camarões não poderia escapar do contágio da insurgência jihadista do Boko Haram. Geograficamente, o extremo norte faz fronteira com o estado nigeriano de Borno, local de nascimento do Boko Haram. É uma região que tem em comum com populações do nordeste da Nigéria, traços culturais (língua, religião) e atividades econômicas (comércio de matérias-primas necessidade, pecuária, agricultura, etc.). É também um dos mais pobres em Camarões e aquele com a taxa de matrícula escolar mais baixa (20,53%) 17 anos e a maior taxa de fecundidade (5,9 filhos/mulher).

A combinação de fraca integração nacional do Extremo Norte ao histórico descaso das áreas de fronteira pelo Estado tornou esta região um espaço muito permeável a atividades criminosas. Assim, o Boko Haram sabia explorar essas vulnerabilidades para fazer do Extremo Norte uma base (MOUSSA, 2022).

O presidente do Camarões, sendo o Chefe das Forças Armadas, colocou várias estratégias em prática para derrotar o grupo terrorista Boko Haram. Estas estratégias concretizam-se ao nível da política internacional e nacional. Internacionalmente, as atividades de combate ao Boko Haram passaram por acordos de parceria militar com diferentes estados como França, Estados Unidos, Brasil, Rússia, China, Israel, Egito, Nigéria, África do Sul, Marrocos, Portugal e muitos outros que nos trazem seus conhecimentos -como na luta contra o terrorismo.

A nível nacional, tem-se as transformações estruturais e infraestruturais que foram feitas.

Deve-se notar que o comando territorial do Exército dos Camarões está estruturado em torno das Regiões Militares Conjuntas abreviadas RMIA (que reúne as Forças Terrestres, Aéreas e da Marinha) e as Regiões da Gendarmaria Nacional abreviadas RG.

Essa transformação foi realizada com a criação do RMIA4 e do RG4 em 2014 pelo Decreto nº 2014/308 de 14 de agosto de 2014 alterando o Decreto nº 2001/180 de 25 de julho de 2001, reorganizando o comando militar territorial. Com o Posto de Comando de Maroua

(cidade na região da ameaça), o RMIA e o RG4 têm como principal missão a luta contra o Boko Haram e a proteção das fronteiras camaronesas na zona Extremo Norte dos Camarões.

A partir de então, as forças militares da RMIA4 vão embarcar na guerra contra este grupo terrorista, impedindo a infiltração deste último em território camaronês. Transformação no nível operacional, o Presidente da República lançou várias operações no âmbito da luta contra o Boko Haram: Operação ALPHA, que envolve soldados do BIR na luta contra o Boko Haram na região do extremo norte de Camarões (particularmente no sul da região); Operação Emergência 4, que envolve todas as forças militares (RMI4 e RG4), presentes na região do Extremo Norte dos Camarões (CAMEROON TRIBUNE, 2016).

### 2.3 SITUAÇÃO ATUAL DO CONFLITO

Situação atual das atividades de combate ao Boko Haram: até o momento, as atividades do Boko Haram sofreram uma redução drástica ou mesmo inexistente na região do Extremo Norte. Isso foi possível graças aos vários esforços do Exército camaronês liderados pelas políticas visionárias de seus chefes.

A consequência de tudo isso é que a zona do extremo norte de Camarões afetada pelos atos do boko haram está relativamente calma e sob controle. Além disso, vários edifícios públicos, como escolas, centros de saúde e mercados que foram afetados pelos atos terroristas do Boko Haram, estão sendo reconstruídos pelo Estado camaronês.

No entanto, o Exército camaronês permanece em alerta e mantém uma vigilância reforçada na área do Extremo Norte, a fim de evitar qualquer retorno em força dos seguidores do Boko Haram. Além disso, algumas das medidas tomadas pelo exército Camaronês após os ataques em Maroua em julho de 2015, se mostraram eficazes em termos de segurança e no futuro imediato, também acentuaram as vulnerabilidades de certas populações e facilitaram o recrutamento do Boko Haram.

Entre essas medidas, destacam-se a proibição de mototáxi, atividade da qual dependiam dezenas de milhares de jovens, o fechamento da fronteira, a proibição de atividades pesqueiras, o fechamento de alguns mercados e a limitação do transporte de alimentos (INTERNATIONAL CRISIS GROUP, 2018).

### **3 REFERENCIAL METODOLÓGICO**

#### **3.1 TIPOS DE PESQUISA**

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica qualitativa visando, a partir da leitura de obras de alguns autores, obter diferentes visões sobre o tema e coletar informações para ampliar o conhecimento sobre as atividades do exército Camaronês nessa área do país.

Alguns dos autores que fundamentaram o trabalho foram Bobo Moussa e Danielle Kadje, além dos trabalhos dos militares que participaram ativamente na luta.

#### **3.2 MÉTODOS**

O material reunido foi lido e foram realizados resumos com as devidas referências, o que ensejou na construção do referencial teórico deste estudo. Os materiais que não diziam respeito ao tema foram descartados.

Para a pesquisa em bancos de dados eletrônicos foram utilizados os descritores: Exército camaronês – Boko Haram – terrorismo.



## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo Smith (2016), por mais de uma década, a seita islâmica Boko Haram limitou sua estratégia à criação de um califado no norte da Nigéria. Agora estendeu sua campanha de terror aos países vizinhos. Chade, Níger e Camarões responderam com uma aliança militar que ajudou o governo de Abuja desde janeiro. Em março de 2015, o Boko Haram deu outra reviravolta em sua estratégia ao jurar lealdade ao autoproclamado Estado Islâmico. Uma internacionalização do conflito que desencadeou alertas em toda a região e acelerou a ofensiva conjunta.

Figura 2 – Mapa Boko Haram



Fonte: WIKIPEDIA (2023)

A última guerra na África está sendo travada neste deserto, um triângulo de fronteiras porosas entre Nigéria, Níger e Chade. É um conflito assimétrico que coloca uma coalizão regional contra uma das organizações jihadistas mais bárbaras e implacáveis do planeta: o grupo nigeriano Boko Haram (SMITH, 2016).

Nos últimos dois anos e meio, Camarões enfrentou os insurgentes do grupo nigeriano Boko Haram. O conflito já provocou 1.500 mortos, deixou 155.000 deslocados e 73.000 refugiados. Embora os primeiros ataques tenham ocorrido em março de 2014, a presença do

grupo jihadista na região do Extremo Norte dos Camarões remonta pelo menos a 2011. Beneficiou-se de uma rede de colaboradores locais e explorou vulnerabilidades que a região compartilha com o nordeste da Nigéria. Enquanto os primeiros dezoito meses de conflito foram caracterizados pela guerra convencional, o grupo agora mudou para um modo de ataque assimétrico. O foco do governo camaronês em uma resposta militar foi parcialmente bem-sucedido, mas os problemas estruturais que permitiram o surgimento dessa ameaça não foram resolvidos. A luta contra o Boko Haram requer a adaptação e melhoria das estruturas de segurança e políticas de resolução de crises de longo prazo que evitarão o ressurgimento dessa ameaça de uma forma diferente e impedirão que a insegurança na região reacenda (SMITH, 2016).

De acordo com Perry (2015), o Extremo Norte é a região mais pobre de Camarões e tem a menor taxa de matrícula escolar. Uma combinação de fraca integração nacional e histórico descaso do Estado contribuiu por muitos anos para a violência e a presença de contrabandistas na região, com proliferação de assaltantes de rodovias, traficantes e pequenos criminosos. Era vulnerável a essa insurreição jihadista devido à sobreposição geográfica e cultural com o nordeste da Nigéria, à presença de uma versão intolerante do Islã e às repercussões das guerras civis chadianas.

O Boko Haram explorou essas vulnerabilidades para fazer do Extremo Norte uma base logística, um refúgio seguro e uma fonte de recrutamento. O grupo reuniu apoio particularmente entre jovens descontentes em distritos adjacentes à Nigéria por meio do uso de doutrinação ideológica, incentivos socioeconômicos e coerção. As forças de segurança camaronesas, a partir de 2013, desmantelaram estoques de armas escondidas e prenderam líderes do Boko Haram, pressionando o grupo a ameaçar e eventualmente atacar Camarões diretamente. Nos últimos dois anos e meio, a região do Extremo Norte sofreu pelo menos 460 ataques e cerca de 50 atentados suicidas (PERRY, 2015).

O governo de Camarões demorou a reagir contra a ameaça do Boko Haram, devido às tensões históricas com a Nigéria, aversão a intervir no que considerava um problema interno do vizinho e medo de se tornar um alvo. Apesar desses lapsos iniciais, o governo mais tarde conseguiu implementar uma resposta militar eficaz. Essa resposta perturbou o grupo e orientou a reação da Força-Tarefa Conjunta Multinacional (MNJTF), a força-tarefa sub-regional com a qual Camarões relutou em se associar a princípio. No entanto, o ponto fraco da resposta dos Camarões continua a ser a falta de compromisso com as iniciativas de desenvolvimento e a ausência de programas de contra-radicalização e desradicalização. De fato, algumas medidas adotadas após os ataques de Maroua em julho de 2015, como a proibição do véu que cobre o

rosto inteiro, o fechamento da fronteira, restrições aos mototáxis e abusos por parte dos militares podem radicalizar uma parcela da população, incluindo mulheres, e já acentuaram vulnerabilidades socioeconômicas para muitos jovens, levando alguns a se juntarem ao Boko Haram (PERRY, 2015).

Apesar da distância geográfica, a guerra contra o Boko Haram não afetou apenas o Extremo Norte. O conflito reforçou a liderança do presidente Paul Biya e aumentou a legitimidade das forças de defesa do país junto à população. A guerra, no entanto, teve um efeito negativo na economia do país e criou clivagens étnicas e sociais, como visto na estigmatização do povo Kanuri no Extremo Norte, muitas vezes associado indiscriminadamente ao grupo jihadista. De forma mais geral, o conflito evidencia um déficit de representação, embora sem ameaçar fundamentalmente a legitimidade do Estado: a elite política gerontocrática do Extremo Norte é cada vez mais desafiada por uma população muito jovem (PERRY, 2015).

Segundo Varin (2016), a luta contra o Boko Haram é um teste para a cooperação em segurança e solidariedade sub-regional. A intervenção das forças armadas chadianas tanto nos Camarões como, juntamente com as forças do Níger, na Nigéria reduziu as capacidades militares convencionais do grupo. Apesar de alguma desconfiança, os países da região conseguiram estabelecer o MNJTF e a Nigéria finalmente aceitou que Camarões pudesse intervir em seu território. Esta nova força multilateral diminuiu a frequência de ataques suicidas em Camarões e está atualmente engajada contra uma facção dissidente do grupo na bacia do Lago Chade. No entanto, o MNJTF carece de financiamento e recursos logísticos.

A fim de consolidar os ganhos militares contra o Boko Haram e trazer de volta a paz duradoura no Extremo Norte, o governo de Camarões deve mudar de uma abordagem baseada na segurança para se concentrar no desenvolvimento socioeconômico e no combate ao radicalismo religioso. Devido às pesadas perdas durante os confrontos com o exército camaronês, o Boko Haram concentrou a maior parte de seus esforços nos últimos três meses nas áreas camaronesas da bacia do Lago Chade (Darak e Hile Alifa), onde controla parte da economia pesqueira e atividades ilícitas tráfico e continua a encenar ataques suicidas. Essa mudança no centro de gravidade do Boko Haram exige um reforço do pacote de segurança ao redor do Lago Chade, bem como medidas para conter o financiamento do grupo nessa área. Uma solução de longo prazo deveria ser o retorno do Estado, que se basearia no papel da sociedade civil e da juventude, bem como das elites locais e de parceiros externos para reconstruir os serviços públicos em uma região há muito negligenciada (VARIN, 2016).

Para incentivar o desenvolvimento do Extremo Norte, combater o radicalismo religioso e reforçar a presença do Estado e dos serviços públicos, o governo dos Camarões:

Elaborou um programa de desenvolvimento e relançamento econômico no Extremo Norte, prioritariamente:

Melhorou a assistência aos deslocados internos e às vítimas do Boko Haram, bem como oportunidades de educação e infraestrutura de saúde;

Reabriu a fronteira Camarões-Nigéria para veículos pesados de mercadorias e comerciantes, com segurança assegurada por escoltas militares, restauração e desenvolvimento da rede rodoviária e lançamento de projetos de construção de alta intensidade de mão-de-obra;

Garantiu a transparência e a boa governação dos projetos iniciados no Extremo Norte, em parceria com as populações locais, incluindo jovens e representantes de diferentes comunidades étnicas.

Para financiar este programa, alocar para a região uma parte do orçamento do plano trienal de emergência e do orçamento de investimento público e coordenar com os países da bacia do Lago Chade para solicitar apoio de doadores.

Criar um programa de sensibilização contra o radicalismo religioso e um programa de desradicalização nas prisões (VARIN, 2016).

Incentivar os serviços de segurança e o judiciário a distinguir entre os membros do Boko Haram levando em consideração a gravidade de seus crimes e seu nível de envolvimento no grupo, entendendo que as categorias podem se sobrepor; garantir que suspeitos e detidos sejam tratados de forma justa e de acordo com o direito internacional; e apoiar a criação de um programa de “justiça restaurativa”, incluindo um componente de reintegração social para recrutas forçados, informantes e logísticos de baixo escalão, não suspeitos de graves abusos dos direitos humanos (VARIN, 2016).

Organizar uma visita oficial do presidente, líderes da oposição e da sociedade civil aos departamentos do Extremo Norte visados pelo Boko Haram. Esta visita seria uma oportunidade para lançar um programa de coesão social e reforço intercomunitário para combater a estigmatização de comunidades percebidas como simpatizantes do Boko Haram (VARIN, 2016).

Adotar uma abordagem coletiva e inclusiva para aumentar a conscientização sobre o radicalismo religioso, inclusive levando em consideração as particularidades culturais, de gênero e sociais, e enfatizando a necessidade de tolerância ao diálogo e abertura dentro das famílias e em locais como escolas corânicas, mesquitas, mercados e prisões (VARIN, 2016).

Aos países da sub-região:

Elaborar uma estratégia de desenvolvimento de médio prazo para a Bacia do Lago Chade, coordenada com o plano de desenvolvimento dos Camarões para o Extremo Norte e solicitar o apoio de doadores para o financiamento de tais planos (SMITH, 2016).

Aos doadores de Camarões:

Incentivar os projetos de desenvolvimento do governo no Extremo Norte e coordenar as iniciativas na sub-região para o desenvolvimento da Bacia do Lago Chade, garantindo 50 por cento de financiamento, assumindo garantias adequadas de uso adequado dos fundos (SMITH, 2016).

Para melhorar a resposta de segurança à ameaça do Boko Haram.

Ao governo dos Camarões:

Corte as fontes de financiamento do Boko Haram enquanto monitora de perto o mercado de gado no Extremo Norte e a atividade econômica na região do Lago Chade.

Bloqueie o recrutamento do Boko Haram:

Melhorando a cooperação entre as forças armadas camaronesas e a população local. Isso pode ser alcançado por meio de operações civis-militares e da erradicação das violações de direitos humanos perpetradas pelas forças de segurança, notadamente sancionando de forma consistente os infratores;

Levantando, caso a caso, as restrições que atualmente afetam a atividade econômica como a de motocicletas; e

Pondo em prática uma estratégia de comunicação mais eficaz através da captação e apoio de estações de rádio comunitárias, através da criação de programas de sensibilização em canais nacionais, transmitidos nas línguas locais no Extremo Norte, e contrariando a promoção do radicalismo violento em redes sociais.

Adaptar as estruturas de segurança para responder às mudanças recentes dentro do Boko Haram e melhorar a estratégia contra ataques suicidas por meio da colaboração com a população local e inteligência reforçada voltada para o futuro.

Assegurar uma melhor coordenação entre as três operações militares no Extremo Norte, inclusive por meio da Força-Tarefa Conjunta Multinacional, e reforçar a cooperação com a Nigéria e os outros países da bacia do Lago Chade.

Limitar o uso de grupos de vigilantes e desmobilize-os progressivamente se o Boko Haram continuar a enfraquecer.

Planejar o retorno progressivo de unidades policiais e gendarmarias mais bem equipadas ao longo das fronteiras camaronesas se o Boko Haram continuar enfraquecendo.

Aos doadores de Camarões:

Cofinanciar a preparação da Força-Tarefa Conjunta Multinacional para as operações, acrescentando um importante componente de treinamento em direitos humanos em tempo de guerra, ao mesmo tempo em que condiciona o financiamento ao respeito pelos direitos humanos pelos exércitos da região.

#### 4.1 2004-2013: OS PRIMEIROS TRAÇOS EVOLUEM PARA UMA PRESENÇA ESTABELECIDADA

Os primeiros sinais do Boko Haram em Camarões datam pelo menos de 2009. Sua presença antes disso continua sendo um assunto de debate, sugerido principalmente por fontes nigerianas. Em setembro de 2004, após confrontos com a polícia nigeriana em Bama e Gwoza, vários indivíduos que mais tarde se tornariam membros do Boko Haram teriam fugido e encontrado refúgio na parte camaronesa das montanhas Mandara, particularmente em Gossi e Mayo Moskota. De acordo com os serviços de segurança do estado nigeriano, o interesse do Boko Haram em Camarões remonta a 2006. Khaled al-Barnawi – que mais tarde lideraria o grupo jihadista Ansaru, nascido de uma ruptura com o Boko Haram em 2012 – supostamente recrutou camaroneses para se juntar aos talibãs na Nigéria e formou a primeira rede logística da seita em 2007. Em 2009, graves confrontos entre ativistas do Boko Haram e as forças de segurança nigerianas no estado de Borno resultaram na morte de 800 membros do grupo, incluindo seu fundador Mohammed Yusuf; alguns dos que escaparam viajaram pelo Extremo Norte ou passaram algum tempo lá (SMITH, 2016).

Durante esse período, o Boko Haram provavelmente não estava tentando fazer proselitismo ou recrutar nas comunidades fronteiriças do Extremo Norte, mas principalmente se refugiar lá. Mas os serviços de segurança nigerianos já insistiam que o grupo estava usando Camarões como base de retaguarda e alertaram as autoridades do país (SMITH, 2016).

Os primeiros sermões de imãs ligados ao Boko Haram em mesquitas no Extremo Norte ocorreram em 2010, enquanto os primeiros casos conhecidos de recrutamento – por alguns salafistas locais atraídos para o grupo – foram em 2011. Mahamat Abacar Saley, por exemplo, pregou em mesquitas no distrito de Goulfey e depois recrutou oito jovens radicalizados e se tornou o “emir” do Boko Haram na área de Afadé. Há provas de que recrutadores e logísticos do grupo estiveram em Mayo Tsanaga a partir de 2011. O proselitismo do Boko Haram baseou-se inicialmente na distribuição dos sermões de Mohammed Yusuf, nos sermões de imãs locais simpatizantes da seita e nas visitas de seus pregadores a áreas ao longo da fronteira (SMITH, 2016).

Camaroneses que retornaram de seus estudos na Nigéria e no Sudão – alguns dos quais se radicalizaram enquanto estavam no exterior – também desempenharam um papel importante. Em Kerawa e Ganse, o proselitismo era principalmente obra de jovens retornados de Bama, na Nigéria, que, durante as aulas, exortavam seus amigos a rejeitar a educação ocidental, a Constituição e o Estado. No mesmo período, pregadores nigerianos ligados ao Boko Haram estavam em turnê pelo Mayo Sava e Mayo Tsanaga para cerimônias de batismo – e alguns pais confiaram seus filhos a eles (PERRY, 2015).

Em 2012, dezenas de milhares de refugiados nigerianos chegaram a Zlevet, Kolofata e Fotokol. Alguns refugiados permaneceram em Kerawa até 2014, quando suas tentativas de impor suas ideias à população provocaram um confronto e foram descobertos esconderijos de armas. Fontes locais relataram que simpatizantes do Boko Haram estavam entre eles. Em Kolofata, alguns refugiados se tornaram recrutadores, entrando nas discussões entre os jovens e encorajando os mais sugestionáveis a aprofundar seus conhecimentos islâmicos na Nigéria(PERRY, 2015).

Em 2012, começaram as incursões de combatentes da Nigéria e se estabeleceram células locais no Extremo Norte. As autoridades trataram o fenômeno como banditismo, embora os moradores de Goulfey e Kousseri os tenham informado de que era o Boko Haram. Foi também em 2012 que o grupo exigiu o encerramento de bares e a aplicação da Sharia em folhetos enviados às autoridades e distribuídos à população em Amchidé, Fotokol e Kousseri, e ameaçou comerciantes e transportadores com represálias se não contribuíssem para o financiamento da a jihad (PERRY, 2015).

O Boko Haram estabeleceu assim o núcleo de sua rede logística no Extremo Norte entre 2010 e 2014, contando principalmente com ex-contrabandistas e traficantes, comerciantes e caminhoneiros que receberam grandes somas de dinheiro para atuar como logísticos ou fornecedores. Kousseri, a capital do departamento de Logone e Chari, era o principal centro logístico: os logísticos ali organizavam esconderijos de armas, câmbio, produção de documentos de identidade falsos e impressão de material de propaganda. Mayo Sava, perto dos redutos do Boko Haram em Borno, foi a principal área de recrutamento entre 2012 e 2014. Combustível e alimentos foram entregues em Mayo Tsanaga e Diamaré. O Boko Haram usou as Montanhas Mandara como um refúgio seguro e corredor de abastecimento de comida e combustível (PERRY, 2015).

## 4.2 2014-2016: CONFLITO ABERTO

Desde março de 2014, o Extremo Norte tem sido palco de guerra aberta. Ao longo de cerca de quinze batalhas, o Boko Haram mobilizou centenas de combatentes, veículos blindados e veículos 4x4 equipados com armas pesadas. Após uma fase de conflito convencional entre março de 2014 e junho de 2015, o grupo concentrou-se principalmente na instalação de artefatos explosivos improvisados (IEDs) e depois em ataques suicidas – cuja frequência atingiu o pico no início de 2016 (VARIN, 2016).

Soldados camaroneses enfrentam um inimigo que emprega táticas múltiplas: atacando em números que variam de cerca de 1.000 a apenas 10, usando uma ampla gama de modos de operação e, às vezes, realizando ataques simultâneos a cidades em diferentes departamentos. Desde julho de 2015, o grupo armado, aparentemente enfraquecido ou sem capacidade de lançar ataques frontais, combina emboscadas e pequenos ataques contra postos do exército, saques e represálias contra grupos de vigilantes (comités de vigilance) e aqueles que colaboram com o exército ou o governo. Também multiplicou os ataques suicidas. A princípio, o Boko Haram cometeu massacres em larga escala em comunidades que considerava colaborar com o governo, evitando ataques contra aquelas onde tinha uma base. Mas, à medida que sofria reveses e as populações locais se reuniam em torno das forças camaronesas, os ataques tornaram-se indiscriminados (VARIN, 2016).

O primeiro confronto data de 2 de março de 2014: um soldado camaronês e seis membros do Boko Haram foram mortos em Wouri-Marou, perto de Fotokol. Sob pressão da Nigéria e enfrentando incursões ao longo da fronteira, Camarões começou a dismantelar os esconderijos de armas do Boko Haram. Isso levou o movimento jihadista – que provavelmente não tinha agenda política ou projeto de expansão territorial em Camarões – a endurecer sua posição. O Boko Haram então multiplicou os ataques às comunidades fronteiriças, enquanto distribuía panfletos pedindo à população que não cooperasse com o exército. Um ataque espetacular ao campo de construção Waza da empresa chinesa Sinohydro em maio de 2014 finalmente levou Camarões a declarar guerra ao Boko Haram e a enviar 700 soldados do BIR como reforços no Extremo Norte. Em julho de 2014, o sequestro da esposa do vice-primeiro-ministro, de membros de sua família e do prefeito da cidade de Kolofata levou ao envio de mais 3.000 soldados (VARIN, 2016).

Desde março de 2014, o conflito deixou pelo menos 125 mortos e mais de 200 feridos entre as forças de segurança e provocou a morte de pelo menos 1.400 civis. Ao longo de mais de 100 ataques, acredita-se que o Boko Haram tenha sequestrado mais de 1.000 pessoas,



principalmente mulheres e meninas: algumas foram usadas para encenar ataques suicidas, enquanto outras foram casadas à força com membros do grupo. As forças de defesa afirmam ter matado cerca de 2.000 supostos membros do grupo e prendido pelo menos 970 (VARIN, 2016).

As comunidades vizinhas às cidades nigerianas controladas pelo Boko Haram e às ilhas do Lago Chade foram as mais afetadas pelos ataques do grupo jihadista. Algumas cidades nigerianas controladas pelo Boko Haram – como Banki, Dilbe, Bama, Gambaru e Ngoshi – fizeram parte dos Camarões na era colonial e mesmo após a independência. As importantes cidades comerciais de Amchidé e Fotokol, atacadas porque sua posição geográfica poderia conferir uma vantagem operacional ao Boko Haram, foram destruídas e esvaziadas de três quartos de seus habitantes – que foram mortos ou deslocados. Em 2014, o Boko Haram estava claramente tentando tomar o controle de cidades para adicioná-las ao califado que havia proclamado na Nigéria, e até ergueu sua bandeira sobre Kerawa, Ashigashia e Balochi, embora as controlasse por apenas um dia (SMITH, 2016).

Os ataques foram realizados contra áreas de maioria muçulmana. Os cristãos – muitos deles no Extremo Norte – foram alvos em 2014 e 2015: durante o massacre de Fotokol em fevereiro de 2015, os rebeldes disseram que estavam caçando cristãos, e igrejas foram incendiadas em Mayo Sava e Mayo Tsanaga. Mas esses casos foram poucos em comparação com o número de mesquitas incendiadas e de imãs e muçulmanos mortos em nome da luta contra os muçulmanos considerados infiéis (SMITH, 2016).

Os locais visados variaram com as estações. Durante a estação seca de novembro-maio, o departamento de Logone e Chari – e em particular as ilhas do Lago Chade, Fotokol e Dabanga – tem sido o principal alvo de ataques, porque os rios secam durante este período, enquanto durante as chuvas de junho-outubro temporada, Mayo Sava e Mayo Tsanaga foram os alvos. A estação chuvosa também deu ao Boko Haram a oportunidade de reforçar suas bases e campos de treinamento na fronteira com Logone e Chari e de se estabelecer nas ilhas camaronesas do Lago Chade, de difícil acesso, para recrutar combatentes. O Boko Haram aproveitou o aumento do nível da água para traficar armas através das ilhas de Tchol, Goulfey e Darak ou das ilhotas submersas sazonalmente não identificadas (SMITH, 2016).

No que diz respeito às batalhas – grandes ofensivas que podem durar um ou dois dias, com o objetivo de capturar uma base militar ou um local estratégico –, o Boko Haram mobilizou de 250 a 800 combatentes, e às vezes até 1.000, a maioria nigerianos, mas também camaroneses e chadianos. Alguns combatentes de origem magrebina foram mortos durante ataques à guarnição do BIR em Fotokol e à brigada de infantaria motorizada em Ashigashia. Os

comandantes do campo de batalha usavam coletes à prova de balas e rádios walkie-talkie. A primeira onda de ataque seria realizada por combatentes experientes armados com RPGs, metralhadoras e AK-47s, utilizando veículos blindados, veículos 4x4 e picapes equipadas com metralhadoras, geralmente conduzidas por chadianos. Eles foram seguidos por centenas de “gritadores” – jovens combatentes armados com fuzis AK-47, gritando Allahu Akbar e avançando em motocicletas ou a pé (SMITH, 2016).

O exército tem sido rotineiramente alvo de ataques convencionais, realizados por 50 a 200 insurgentes, enquanto os ataques a aldeias envolvem apenas cinco a 50 combatentes. Sequestros têm sido comuns. Durante as 565 incursões do Boko Haram em Camarões entre janeiro de 2014 e setembro de 2016 (incluindo 464 ataques e sequestros identificados pelo Crisis Group), o exército foi alvo em 71 ocasiões (43 ataques convencionais) (PERRY, 2015).

Depois de ter sofrido derrotas, e vendo a necessidade de contrariar a mobilidade e capacidade das forças de segurança para reagir rapidamente quando sob ataque, o Boko Haram começou a plantar IEDs. Desde outubro de 2014, o exército desarmou 37 IEDs no Extremo Norte, enquanto 24 explodiram quando veículos militares passaram e dois mataram civis. Os ataques suicidas seguiram o mesmo padrão dos ataques convencionais, a maioria visando comunidades fronteiriças, mercados e mesquitas e matando principalmente civis. Nenhum tem como alvo uma igreja. As meninas realizaram a maioria dos ataques suicidas. Entre julho de 2015 e outubro de 2016, deixaram pelo menos 290 mortos e mais de 800 feridos. Houve um número particularmente grande de ataques suicidas em janeiro e fevereiro de 2016 (PERRY, 2015).

#### 4.3 RESPONDENDO AO BOKO HARAM

Diante do Boko Haram, o governo inicialmente recorreu a uma estratégia de negação. Por negligência e por tensões históricas com o vizinho, mas também para não ser alvo do grupo jihadista, até 2013 preferiu ficar de fora de um problema percebido como interno à Nigéria. Mas, uma vez confrontado com a abordagem mais agressiva do movimento, adotou medidas de segurança relativamente eficazes. Esta resposta foi estruturada em torno da Operação Alpha liderada pelo BIR (BIR-Alpha) e da Operação Emergence 4, liderada pela quarta região militar inter-serviços (RMIA4, o exército regular). A operação bilateral Logone, realizada em 2015 pelas forças armadas camaronesas e chadianas, foi adicional. A implantação do setor camaronês da Multinational Joint Task Force (MNJTF) em outubro de 2015 constituiu o componente final desta resposta de segurança (PERRY, 2015).

A resposta de segurança de Camarões sofreu de deficiências iniciais, que custaram caro na vida dos soldados: falta de equipamentos antigos ou não confiáveis (coletes à prova de bala inadequados, armas que não funcionaram, falta de óculos de visão noturna), falhas no apoio logístico. A escassez de pessoal e a fraca capacidade operacional do exército causaram grandes dificuldades para a rotação de tropas na Emergência 4: em 2014 e 2015, os soldados às vezes passavam nove meses em bases avançadas como Mabass, Ldamang e Tourou sem serem substituídos. Também houve problemas na estrutura de comando: a princípio, havia pouca cooperação entre o Emergence 4 e o BIR-Alpha (PERRY, 2015).

Da mesma forma, no início houve uma notável falta de cooperação com as comunidades locais – um problema agravado pelos abusos do exército e pelo fato de que a maioria dos soldados destacados eram sulistas que não entendiam os idiomas locais. As capacidades de inteligência humana e eletrônica eram extremamente limitadas. Segundo a Amnistia Internacional, o exército cometeu numerosos abusos e violações dos direitos humanos contra as populações do Extremo Norte. O governo nega e insiste que medidas disciplinares foram tomadas contra “ovelha negra”. O Crisis Group testemunhou abusos por parte das forças de segurança na região, mas também um alto grau de apoio ao exército (SMITH, 2016).

No entanto, as medidas disciplinares que foram tomadas são inadequadas, dada a extensão dos casos identificados pela Amnistia Internacional. Além disso, a resposta do governo até agora se limitou a essas medidas e não inclui desculpas oficiais ou compensações materiais para as vítimas ou suas famílias que possam reforçar a coesão social. Muito está em jogo quando se trata de respeito pelos direitos humanos, porque o crescimento exponencial dos abusos no Extremo Norte pode levar alguns jovens, presos entre o martelo do Boko Haram e a bigorna do exército, a se juntarem ao grupo jihadista. Isso também arrisca comprometer a cooperação militar entre Camarões e países ocidentais; foi o que aconteceu na Nigéria, cujo exército cometeu graves violações dos direitos humanos (SMITH, 2016).

Camarões conseguiu recuperar o terreno perdido de forma bastante eficaz. Em 2013 e 2014, pequenos reforços foram enviados para a área de fronteira: 700 soldados extras foram mobilizados em junho de 2014 e 2.000 em agosto. O BIR-Alpha foi estabelecido em 2014 e a Operação Emergência 3 – que mais tarde se tornou Emergência 4 – foi colocada em ação no mesmo ano. Em agosto de 2014, o governo reorganizou a estrutura dos militares, estabelecendo o Extremo Norte como a quarta região militar interserviços e a quarta região da gendarmeria (RG4). Os generais em exercício foram substituídos por coronéis originários da área, uma unidade de gendarmeria foi criada especificamente em Kousseri, várias brigadas de infantaria

motorizada foram mobilizadas e o quartel-general da 41ª brigada de infantaria motorizada foi transferido de Maroua para Kousseri (SMITH, 2016).

O equipamento do exército também foi aprimorado e a cooperação entre o Emergence 4 e o BIR-Alpha melhorou visivelmente. O exército lançou inúmeras iniciativas de apoio às populações, como a distribuição de medicamentos e alimentos, exames médicos e obras nas estradas locais. A inteligência melhorou, em parte graças à compra de drones táticos e uma aeronave de vigilância Cessna, e à cooperação aprimorada com colegas nigerianos. Até a comunicação do exército foi modernizada: o ministério da defesa organizou 24 visitas de jornalistas ao front – o que explica em parte a atual popularidade do exército na mídia camaronesa (SMITH, 2016).

Camarões agora tem cerca de 8.500 soldados na região do Extremo Norte – um sétimo da força de trabalho de suas forças de defesa. Mesmo assim, a resposta militar é deficiente em alguns aspectos. As tropas ainda não estão adequadamente providas. A emergência 4 permanece com poucos funcionários, causando problemas para rotações de tropas. Os abusos continuam, embora provavelmente menos do que até agora. Alguns soldados do Emergence 4 viram suas promoções efetivamente congeladas porque não são livres para fazer os cursos de treinamento necessários, enquanto aqueles que permaneceram em Yaoundé foram promovidos. Desde a criação do MNJTF, Alpha e Emergence 4 puderam realizar oficialmente operações contra o Boko Haram na Nigéria, em colaboração com as tropas nigerianas. As operações BIR-Alpha na Nigéria têm o nome de “Arrow” e as da Emergence 4 são rotuladas de “Tentáculos” (VARIN, 2016).

O choque causado pelos primeiros atentados nos Camarões, em particular os de Maroua, levou, desde julho de 2015, à adoção de novas medidas administrativas e de segurança, como a proibição do uso do véu facial (burca), das reuniões públicas e do uso de motocicletas, a imposição do encerramento dos bares às 18h00, numerosas inspeções e buscas, a vigilância ou mesmo encerramento de mesquitas e a detenção de imãs supostamente radicais e o reforço de efetivos policiais e gendarmes para missões de inteligência. Embora essas medidas tenham sido amplamente aceitas pela população, algumas iniciativas, e os excessos decorrentes, geraram descontentamento. A lei antiterrorista que havia sido adotada muito antes, em dezembro de 2014, até agora foi usada mais para pressionar a oposição e a sociedade civil do que contra o Boko Haram. A proibição do uso da burca tem levado a inúmeros abusos da polícia e da gendarmeria no Extremo Norte, inclusive contra mulheres que usam o niqab, o hijab ou o soudaré – um tipo de lenço semelhante ao jilbab ou xador muito difundido na área (VARIN, 2016).

A detenção é outra ferramenta da estratégia de segurança. Desde 2014, as forças de segurança prenderam pelo menos 970 supostos membros do Boko Haram, a maioria homens, dos quais 880 ainda estão detidos: 125 foram condenados e cerca de 755 aguardam julgamento na prisão de Maroua (cerca de 680), cadeias locais de Kousseri e Mora , a principal prisão em Yaoundé e a Direção Geral de Investigação Externa (DGRE). Entre esses prisioneiros estão ideólogos seniores e comandantes operacionais, por um lado, e informantes, membros recrutados à força e logísticos juniores, por outro. Membros do Boko Haram na prisão de Maroua estão encarcerados com detentos de direito comum. Algumas autoridades penitenciárias apresentam isso como uma técnica de desradicalização, mas misturar as duas categorias de detentos acarreta o risco inverso de que criminosos comuns sejam doutrinados ou de que membros inicialmente menos extremistas se tornem mais radicais (VARIN, 2016).

Além disso, a resposta judicial até agora tem sido limitada a sanções (justiça punitiva) e não inclui um programa de reintegração na sociedade. Entre os quase 1.000 supostos membros do Boko Haram detidos, a maioria desempenhou apenas papéis menores na logística ou como informantes, por recompensa financeira, sem se converter à ideologia do grupo jihadista – ou foram presos por não denunciar suspeitos. Sujeitos a tratamento judicial punitivo, enchem as prisões e correm um risco acrescido de radicalização (VARIN, 2016).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência gerada pelo Boko Haram no Extremo Norte é um fenômeno sem precedentes na história recente de Camarões. Embora o risco de perda do controle do território na região fosse real, a resposta do governo camaronês, aliada à intervenção do exército chadiano e à reorganização do exército nigeriano, freou a expansão territorial do grupo – que sofreu pesadas perdas e viu reduzida a sua capacidade militar convencional. Mas persistem os problemas subjacentes que deixaram a região do Extremo Norte particularmente vulnerável: pobreza, baixas taxas de matrícula escolar, divisões sociais e geracionais, tensões intercomunitárias e a fraca ligação com o resto do país. Além disso, apesar do seu relativo sucesso na fase mais intensa do conflito, o exército encontra-se numa posição débil ou mesmo impotente face a ataques de baixa intensidade e incursões transfronteiriças, roubo de gado e pilhagens quotidianas.

No longo prazo, o Extremo Norte corre o risco de ficar atolado em um conflito de baixa intensidade, alimentado por alianças de conveniência entre jihadistas, traficantes e outros oportunistas em um Sahel que é vítima de múltiplos conflitos. Isso reduziria as chances de um desenvolvimento substancial na região e aumentaria sua vulnerabilidade. Também forçaria o governo a manter um dispendioso destacamento militar por um longo período, o que comprometeria as perspectivas de crescimento e desenvolvimento do país, enfraquecendo-o ainda mais.

## REFERÊNCIAS

OFpra. **Situation sécuritaire dans la région de l'Extreme-Nord**. 2019. Disponível em: < [https://www.ofpra.gouv.fr/ar/publications/publications-pays?field\\_country&search\\_api\\_fulltext=&created\\_1=&created\\_2=&page=90](https://www.ofpra.gouv.fr/ar/publications/publications-pays?field_country&search_api_fulltext=&created_1=&created_2=&page=90)>. Acesso em: 20 abr. 2023.

INTERNATIONAL CRISIS GROUP. **Extreme-Nord du Cameroun: nouveau chapitre dans la lutte contre Boko Haram**, 2018. Disponível em: < <https://www.crisisgroup.org/fr/africa/central-africa/cameroon/263-extreme-nord-du-cameroun-nouveau-chapitre-dans-la-lutte-contre-boko-haram>>. Acesso em: 12 abr. 2023.

INTERNATIONAL CRISIS GROUP. **Faire face à Boko Haram**, 2016. Disponível em: < <https://www.crisisgroup.org/africa/west-africa/nigeria/boko-haram-back-foot>>. Acesso em: 12 abr. 2023.

KADJE, D. **Acteurs et instruments dans la lutte contre Boko Haram**, 2016. Disponível em: < <https://www.erudit.org/en/journals/sp/1900-v1-n1-sp063/1044395ar.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2023.

MOUSSA, B. **Boko Haram dans la region de l'Extreme-Nord du Cameroun: L'arbre qui cache la forêt**, 2022. Disponível em: < <https://www.defense.gouv.fr/sites/default/files/dgris/Note%2032%20-%20Boko%20Haram%20l%27arbre%20qui%20cache%20la%20foret.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2023.

PERRY, A. **The hunt for Boko Haram**. São Paulo: Kindle, 2015.

SMITH, M. J. **Boko Haram inside Nigeria's unholy war**. Inglaterra: LB Tauris, 2016.

VARIN, C. **Boko Haram and war on terror**. São Paulo: Kindle, 2016.